

A BATALHA

SEVILHA, 29 -- Recebemos ordem de seguir para a fronteira partiremos de Sevilha no comboio da noite. -- Campos e Sousa

Deu à sua adesão à Confederação Geral do Trabalho a Federação Nacional dos Operários Tãozeiros

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI—Número 1.614
Sabado, 1 de Março de 1924
PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Combro, 38-A, 2.º de Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE — 5339-C
Officinas de Impressão—Rua de Atalaia, 116 e 117

O governo contra os proletários

NOTAS & COMENTÁRIOS

A situação política de Espanha

A nomeação de Joaquim Ribeiro para a pasta da Agricultura equivale a uma declaração de guerra — A lógica das Juntas de Freguesia

A atitude do governo Alvaro de Castro perante a imponente e significativa manifestação do povo de Lisboa, pode cifrar-se numa única frase: — "que vá para o diabo o povo e a sua miséria".

Essa frase está duplamente confirmada com a atitude do ministro da Agricultura marca Seara Nova, sr. Azevedo Gomes que para estudar o modo de diminuir o custo da vida nomeou os representantes das "forças vivas". Esse ministro retirou precipitadamente deixando a comissão engasgada. Foi realmente pena porque a comissão nomeada pelo sr. Azevedo Gomes composta como era, de ladrões e sanguessugas do povo, ela certa, chegar à conclusão de que fossem os salários dos operários o factor predominante do custo da vida. Esta conclusão dada em modos mais rigorosamente expressivos podia assim traduzir-se: os ladrões reconhecem que quem roubou foram os roubados. O sr. Azevedo Gomes é um dos muitos agentes provocadores da miséria. Podem dizer que não é ele o proprietário do monopólio do pão ou doutra qualquer idêntica roubaheira. Nós, acreditaremos sem o menor recebo, mas não deixamos de afirmar, e com irrefutável razão, que quem chama os ladrões para estudar a maneira de acabar com o roubo, e peles ladrões, pela perpetuação do roubo, contra os roubados e pela perpetuação da sua miséria.

Concordamos que a nomeação desta comissão como resposta às reclamações do povo constitui uma declaração de amizade e de cumplicidade com os assambarcadores e de provocação e insulto à miséria dos consumidores.

Safu o sr. Azevedo Gomes, o mifífico autor desta cínica comissão. Entrou a substituição na pasta da agricultura, o sr. Joaquim Ribeiro.

Eis uma situação plena de franqueza e de desassombro. Constituiu uma franca declaração de simpatia à Moagem e uma declaração de guerra ao povo.

Ainda há quem possa duvidá-lo? Talvez. Há gente para tudo, mesmo para supor que Joaquim Ribeiro não é um amigo predilecto da moagem, que não constitui para os consumidores uma grave e evidente prejuizo. Para essa gente temos uma resposta única, uma resposta insuspeitíssima. Essa resposta vamos recortá-la do "Rebate".

O "Rebate" define igualmente a atitude que o sr. Joaquim tomou quando da sua primeira passagem pela pasta da agricultura. Merece transcrever-se: "A sua anterior passagem pela pasta da agricultura provocou justificados reparos. Como iniciou essa obra? Protegendo a Moagem, permitindo as maiores especulações, sacrificando o povo".

As Juntas de Freguesia foram cumprimentar conforme ontem noticiámos o sr. Joaquim Ribeiro. Essa sua atitude, que nós com a nossa habitual energia, ontem comentámos, é deplorável quanto aos interesses do povo. Vista através do nosso prisma significa uma tristíssima transigência e uma deplorável abdicação. Mas atendendo ao que são de facto as Juntas de Freguesia, a sua atitude é dum lógica profunda.

E' que as Juntas de Freguesia não são o sindicalismo. Aquela manifestação, os cartazes beriantes a letras vermelhas não passam dum fogueira de aparato com um fumo de inofensivo empirismo. Bem podem os assambarcadores dormir desacanhados que pela acção delatras nem mal lhes sucederá. Quanto ao povo bem pode tirar dali a ilusão porque elas são pela sua estrutura e pela sua acção incapazes e impotentes para lhes prestar o mínimo beneficio.

A Juntas de Freguesia protestam mas com os pés e as mãos amarrados ao respeito à lei, à veneração pelo Estado. Enquanto os trabalhadores já sabem que nada há a esperar da acção do ministro da agricultura senão o tácito e activo apoio ao agravamento crescente da vida, enquanto o próprio Rebate lhe receia confessar que nós temos razão, as Juntas ainda cometem o gesto de confiar "na energia, no saber e na inteligência do sr. Joaquim Ribeiro". E recordam a energia que ele deu provas a quando da extinção do pão político, sem se sensibilizarem dessa energia ter sido empregada exclusivamente contra os interesses do povo.

Mal intencionadas as Juntas? Não. As Juntas estão onde deviam estar. Os interesses do povo e a sua atitude para com Joaquim Ribeiro prova-o — não estão nas suas mãos. Se estivessem equivalia para o povo em viver sempre na maior miséria, curvado e submisso perante aqueles que a causavam.

Mas, o que tem as Juntas de Freguesia de comum com o sr. Joaquim Ribeiro — a essa mão que vai assinar decretos que agravarão o custo da vida e farão aumentar a fome e a miséria dos consumidores.

Mal intencionadas as Juntas? Não. As Juntas estão onde deviam estar. Os interesses do povo e a sua atitude para com Joaquim Ribeiro prova-o — não estão nas suas mãos. Se estivessem equivalia para o povo em viver sempre na maior miséria, curvado e submisso perante aqueles que a causavam.

Mas, o que tem as Juntas de Freguesia de comum com o sr. Joaquim Ribeiro — a essa mão que vai assinar decretos que agravarão o custo da vida e farão aumentar a fome e a miséria dos consumidores.

A CARESTIA DA VIDA

NÃO PODE SER!

"A hora que está soando é dolorosa e não admite complacências nem tolerâncias com os especuladores, antes impõe para eles uma tremenda e austera severidade" — de G. Rebate.

Não precisamos dispender com o momentoso assunto da carestia da vida grandes esforços, porque a imprensa burguesa fornece-nos elementos valiosos que devem ser bem ponderados pelo povo. A "Vanguarda", de quarta-feira trazia o seguinte:

"Os grandes traficantes da política e do negocio, que levaram o Estado à ruína e o povo a miséria, prosseguem na raia — novos hunos do século vinte, devastando o país e saqueando as populações. Apesar das reclamações populares não abrandam de fúria, de avizés, de cubica, nem desarmam. E tripudiam e zombam, como que num estado e crudelissimo desafio à nação explorada e inerme.

Os generos de primeira necessidade, des'que o povo de Lisboa fez a sua reclamação junto do governo e do parlamento, aumentaram, como nunca, de preço. A carne vai subir também. A batata, está-na vendendo já a 1570 o quilo. Falta o pão. Peixe ninguém o pode comprar — a não ser, é claro, os novos ricos, os "grós-bonets" da república e os "studios" da negociata.

breve tempo. São os inconscientes o não presentem. A parte da nação, o povo que trabalha e que sofre, e que nem sempre é o que mais grita e barulista — as forças democráticas, em suma, que é onde residem os principios dentro dos quais se caminha para um ideal superior de perfeição, começam a unir-se, a agir dentro da ordem, indicando ao primeiro safanão enérgico do punho popular, logo se ergue no Parlamento e nas associações do capitalismo a grita parastitária contra o que eles chamam a demagogia e a anarquia. Ao governo pedem "ordem" e que se a ordem pudesse continuar a ser a intolerável desordem em que vivemos separada a sociedade portuguesa em dois campos: um, a que chamam das elites, composto de alguns milhares de milionários; outro, o da ralé, composto de milhões de almas.

Não! O governo não pode escutar a voz dos senhores capitalistas. Não! Os poderes públicos, se quiserem continuar representando a nação, têm que impôr silêncio à vozeria altaneira, ao bater do pé da plutocracia, perante o clamor, por agora ainda ordeiro mas que pode transformar-se em raio de justiça, das classes espoliadas do povo.

Da Federação Nacional das Cooperativas recebemos o seguinte comunicado:

"Pelo ministério da Agricultura foi nomeada uma comissão encarregada de estudar e indicar os meios de combater a carestia da vida, para a qual foi também designado o presidente da actual direcção da Federação Nacional das Cooperativas.

A' volta cá os espero...

O sr. Trindade Coelho, que tem para escrever o excelente modelo literário de Eça de Queiroz continua navegando para as margens mais conservadoras da politica. Embora usasse modelo, seus artigos não deixavam de ser peças literárias interessantes. Mas, começaram a surgir em grande quantidade e daí perderam em qualidade e diminuiram em interesse. Agora esses artigos, já sem brilho, aderiram em grandes períodos massudos à igreja e ao inseparável Nemo.

A redacção da Epoca está para certos literatos e jornalistas como as taboas para os bebados e que tinham o distico: "A' volta cá os espero". E eles não faltavam. Na Epoca não faltou o sr. Trindade Coelho. E também foi à volta. A' volta da república — bem entendido.

Novos ministros...

Expulsos pelo sr. Alvaro de Castro, com estiquista sancionatória os ministros "Seara Nova" a Moagem marcou com duas pedras brancas os seus triumphos. Realmente, o sr. Nuno Simões é um esplandido rapaz com uma sciencia de viver maravilhosa, uma arte de conhecer empresas comerciais de que poucos se podem orgulhar. Não se esqueçam que o sr. Nuno Simões é um rapaz delicadissimo. A "Aliança" sorri-lhe há muito e amavelmente. Seria uma descortezia fazer-lhe rosto severo. Por isso o sr. Nuno Simões manterá para com ela o seu amável sorriso de há muito.

Quanto às empresas colonias, o sr. Nuno Simões desobrou-as com tal eficacia que já ocupa numa delas o rendoso posto de director.

O sr. Joaquim Ribeiro, novo ministro da Agricultura, vale um penso feito com farinha da Moagem e miséria do consumidor.

Este ministério é digno da época carnavalesca, pois alguns dos seus ministros tem a cara enfiada...

Um ministro que estava disposto a trabalhar...

O sr. António Sergio limitou-se a expôr os seus pontos de vista e as reformas que considerava mais urgentes

O problema da instrução é um dos de maior importancia no nosso país. Bastante tem sido protelada até hoje a sua resolução e é justo que comece a dedicar-se-lhe a atenção que merece.

A instrução continua a ser escassa e ministrada pelos métodos que eram conhecidos antigamente há bons vinte annos. Um ministro, o dr. João Camoesas, apresentou ao Parlamento um plano de reformas que, posto em pratica na sua parte pedagogica, representaria um indiscutível avanço.

Quando tomou posse da pasta, o sr. António Sergio declarou estar disposto a trabalhar, procurando, por todas as formas, atacar o problema.

Ora o sr. António Sergio foi ministro durante dois meses e a obra por ele realizada é completamente desconhecida. Que obra deixou o diluato pedagogo que, como se sabe, representou no governo a "elite" searensé?

Uma ditadura estúpida e odiosa, sem precedentes na História, pretende afogar todo o pensamento humano, deportando os homens de grande valor intelectual, encarcerando os homens de aspirações humanas e não permitindo que se fale e se escreva contra os actos de militares falidos na guerra

Que todos os homens livres se ergam contra a tirania

Um delegado da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha expôs ultimamente, perante os militantes operários portugueses, a situação criada pela ditadura de Primo de Rivera. Essa conferencia publicamos-la hoje integralmente por merecer a attenção, não só dos revolucionários, como de todos os homens sensíveis e conscientes.

O Conselho Confederal convidou-me a fazer uma conferencia sobre a actual situação politica de Espanha, para elucidar os militantes operários portugueses.

O fanatismo e a intolerância dos governantes espanhóis geram as maiores violências

A politica espanhola tem o seu passado, a sua história; e os actuals acontecimentos em Espanha só poderão ser compreendidos depois dum estudo histórico, ainda que muito sumario. Porém, para que se não surpreenda na minha palestra quando soma de pessimismo, dar-vos-hei primeiramente uma noção de como poderá terminar uma politica que hoje nos parece imperceptível.

Nas minhas viagens através das regiões de Espanha, observava sempre, do comboio que me conduzia, as ruínas de castelos heráldicos, outrora inexpugnáveis. Então, meditava na força do passado e nas ruínas do presente, para concluir que os soberbos senhores feudais, possuidores daquellas fortalezas, também haviam baixado a cerviz; assim, seriam aniquilados os ditadores da Espanha actual e tornadas ruínas as instituições sociais do nosso tempo.

Analizemos agora a situação actual da Espanha. A idiosincrasia do Estado espanhol foi herdada da Santa Inquisição; da mesma forma, os tribunais da justiça espanhola são filhos dilectos das irmandades do Santo Officio.

As medidas de defesa social são sempre muito apaixonadas e parecem dimanar dum tradicional prestigio da história, para não dizer que os governantes espanhóis entendem como principio de justiça a voz de Deus ou o que, como tal, se interpreta, durante séculos, no predomínio do cristianismo mais ortodoxo e intolerante.

Não há outra forma de compreender o extraordinário fanatismo que domina as esferas oficiais de Espanha e o horror que nelas se manifesta ante a questão social, julgam-se elites de Deus e, como tais, insubstituíveis. E, sem dúvida, um preconceito politico arcaico, mas evidente e negável.

As perseguições e as torturas infligidas aos militantes da organização operária de Espanha não têm semelhança na história de povo algum; apenas se encontra igual nos autos de fé de herejes, bruxos e alquimistas, com os quais a Santa Inquisição pretendeu limpar o mundo de descrentes.

Apresentada sob este aspecto a história da politica espanhola, passamos rapidamente a história da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, que vem a ser o ponto essencial, o objectivo do conferente.

O desenvolvimento da acção proletaria levou a burguesia atomizada a lances sangrentos

A C. N. T. espanhola nasceu do Congresso Regional Operário da Catalunha, reunido em 1917. Naquelle tempo, um núcleo de homens que possuíam uma noção muito clara dos problemas que interessavam ao proletariado espanhol, lançou os alicerces duma organização que deveria ser muito poderosa no futuro, capaz de perturbar o sono da burguesia e dos governantes espanhóis.

Pouco depois, desenvolvia-se no Levante, em Aragão, Andaluzia e Biscaia, o espirito de organização entre os trabalhadores, tendo-se conseguido um acordo entre as diferentes organizações regionais para a formação de C. N. T. espanhola. Ao sentir-se forte, a classe trabalhadora começou empregando esforços para conquistar os seus direitos.

Surgiram conflitos, cada vez mais frequentes, entre os quais alguns assumiram grande transcendência revolucionaria, como a greve da Canadiense que conseguiu, com a solidariedade dos trabalhadores de toda a Espanha, paralisar completamente a vida industrial do país.

Tais conflitos foram o toque de somaten para a burguesia, que, sentindo os seus interesses ameaçados, preparou-se para a sua defesa.

para a sua defesa. Em boa lógica, não se podia negar-lhe esse direito. Mas as mãos crispadas dalguns trabalhadores mal orientados, liquidam fatalmente alguns patrões. Estes attentados eram estranhos à ideologia e tática da C. N. T. de Espanha, mas a burguesia não quiz compreendê-los e inclinou, então, o governo a perseguir-nos. Não contentes ainda, organizou e pagou bandos de assassinos para nos liquidarem em plena rua.

Entretanto, dellagra a Revolução Russa e os trabalhadores italianos apossam-se dos fabricas. A burguesia atomizada e atomizada-se os governantes. O impulso revolucionario é violento. A maioria dos intelectuais espanhóis e outras mentalidades estranhas às classes trabalhadoras manifestam a sua simpatia pelo movimento proletario.

O problema social muda para um aspecto de harmonia e de tolerância. Chegamos a ganhar a esperança de que a força das circunstâncias venham modificar a psicologia dos governantes.

Os ditadores da Espanha são militares de mentalidade falida e degenerescente

Infelizmente, enganamo-nos. Após um momento de estepeção, a reacção recobrou as suas ferozes energias. E' declarado em todo o país o estado de guerra, são suspensas as garantias constitucionais são encarcerados os militantes e os advogados das organizações operárias. Os prisioneiros são obrigados a percorrer leguas e leguas por estradas, ou torturados nos postos policiais e nos quartéis da guarda civil. Por fim, bandos de foragidos assalariados pela Patroanal assassina, já não impunemente, mas legalmente. E durante cinco annos, as perseguições são constantes e ferozes. Assim se chega à situação politica actual.

Quem são os homens que detem o poder em Espanha? Dissarcam-se rendentes da pátria, salvadores do país, mas são apenas militares derrotados na guerra de Marrocos, os culpados das catástrofes do Barranco do Lobo e do Monte Annual, que trouxeram o luto e o destrójo ao coração das mães.

Não souberam esses militares distinguir-se na colonização de Marrocos, mas pretendem tornar a Espanha um país de negros. São incompetentes na administração económica do país os que em Marrocos repartiam a fazenda pública como despójo dos saques de guerra. Não podem compreender a mais ligeira noção de justiça os homens que tornaram a Espanha num grande quartel.

Conta-se em uma anedota de Primo de Rivera que o mostra como um borracho sem mentalidade. Quando era capitão general na Catalunha, evidenciou-se como um homem sem consciência, chegando ao desffero de elevar até si os generais Martínez Anido e Arlegui, pelo único factio de haverem ordenado o assassinio de camaradas nossos, durante a sua permanência em Barcelona.

Não nos recorda a História ditadura de maior estupidez e desumanidade

Não cessou a infâmia. Primeiramente, o desterro de Cortina e, pouco depois, o desterro de Miguel de Urdununo para as Canárias, Rodrigo Soriano foi também deportado e Ortega y Gasset foi encarcerado. Estes intelectuais, pelo seu valor, são dos mais prestigiosos de Espanha!

Não pode a Espanha demorar-se mais sob o jugo desta sargenteiros falidos e inconscientes!

Estão também nos cárceres 274 camaradas nossos, a maior parte sofredores de condenações que variam de 30 a 90 annos de presidio. Durante o ano que decorre, foram igualmente encarcerados numerosos militantes.

Não há na história do mundo tam espantoso precedente dum repressão tam premeditada e cruel! São inumeráveis os homens perseguidos por delitos de liberdade!

Eis a actualidade politica em Espanha. Não vemos maneira de decidir-se esta situação horrível. Apelas, pois, para a vossa solidariedade, como apelas para todos os trabalhadores do mundo.

Tem de acabar em nosso auxilio, porque estamos sem defesa. Em Espanha, os ditadores não permitem que se fale e que se escreva. Desapareceram os direitos do cidadão para ficarem os coprihos do ditador. Desapareceu a lei para predominar a vontade do ditador.

OS DELEGADOS PRESOS EM SEVILHA

Vão ser finalmente conduzidos à fronteira portuguesa!

Segundo comunicação ontem recebida do ministério dos negocios estrangeiros, o governo espanhol vai mandar conduzir à fronteira portuguesa os nossos camaradas Manuel da Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa que se encontravam detidos em Sevilha.

Chegou finalmente a hora dos delegados portugueses serem restituídos a liberdade? A comunicação recebida do ministério dos negocios estrangeiros a esse respeito, perentória. A decisão do governo espanhol foi tardia. A arbitrariedade cometida, que nos indignadamente fustigámos, e que despertou entre o proletariado uma grande revolta e uma profunda indignação, narrou bem o despotismo que os militares exercem em Espanha.

A BATALHA

A sua situação financeira

Dava há dias publicidade a "A Batalha" a uma nota da administração, comunicando ao seu publico que o jornal não podia continuar a manter-se com o preço de venda de 20 centavos, por razões expandidas e de resto já mais ou menos conhecidas, pelo facto simples e bem demonstrativo que resulta de os outros jornais, os que tem balcão e gabinetes reservados para negocios de vulto, já há muito haverem elevado para \$30 o preço de venda. É claro que quando aqueles não puderam equilibrar os orçamentos muito menos a "A Batalha" que, de anúncios, colhe apenas uma média diária de 28\$000 o que, se é coisa que se não deve desprezar, também pouco aquece ou arrefece e é quasi exclusivamente a única receita eventual que o jornal tem. Há outras, e mal do jornal se as não tivesse havido, porque então já não existia e são elas as subscrições que permanentemente os trabalhadores promovem em favor do jornal, o auxilio constante que a C. G. T. lhe dá e o carinho com que diversos grupos de amigos de "A Batalha" acorrem em seu socorro quando ella dá o seu brado de alerta. De entre esses grupos, deixem que destaque uns, sem desdouro de qualquer dos outros que lhe prestam destacados serviços, servicos que marcam e que graças a eles se tem removido difficuldades insuperáveis: são os arsenallistas e os trabalhadores portugueses de U. S. A. Sem e auxilio desses quem sabe o que já se teria passado...

Estão, porém, passados os piores tempos que o nosso jornal podia ter atravessado. A "A Batalha" hoje tem vida própria. Ao entrar no seu 6.º ano fê-lo com aquela galhardia austera com que um rapaz de 20 annos, belo e forte se